

# Notas histórico-filosóficas sobre a noção de ordem

*Luís Machado de Abreu \**

---

## 1. Pluralidade de acepções

Uma das notas importantes com que o termo «ordem» se nos apresenta é a pluralidade de acepções que acompanha as variadíssimas situações em que dele fazemos uso. Se falamos de ordem para nos referirmos à regularidade com que se sucedem os dias e as noites, as estações do ano, os dias do calendário, a série de números consecutivos a partir da unidade, também recorremos a esse termo para falar de formas de organização hierarquizada da sociedade como as três ordens da sociedade medieval (clérigos, guerreiros, trabalhadores), de agrupamentos religiosos identificados pela profissão dos conselhos evangélicos, e ainda de um sacramento, o sacramento da ordem, que confere o carácter, a graça e o poder para o exercício do ministério sacerdotal.

Estamos em presença de um termo que transcende aplicações sectoriais ou regionais, uma vez que se aplica aos mais diversos géneros e espécies de entidades: o mundo físico, as realidades sociais, o universo das construções formais. Em todos estes campos existem questões que giram em torno do que podemos designar como relações de ordem. A procura e o estabelecimento dessas relações de ordem constitui uma das tarefas maiores da inteligência que assim vai tecendo a rede de inteligibilidade universal, condição necessária para uma administração sábia da presença humana no mundo.

---

\* Professor Catedrático da Universidade de Aveiro; membro da Comissão Científica do *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*.

Uma análise mais fina da utilização filosófica do termo levar-nos-á à diferenciação categorial das suas aplicações a diferentes regiões da realidade. Desse modo, a noção de ordem, quando aplicada no âmbito dos números, remete para o universo das séries. Se atribuímos a noção a fenómenos de sociedade, deparamos com um mundo feito de regras, de constrangimentos e de hierarquias; se à ética, ficamos em presença de normas e de princípios; se à ordem jurídica, entramos na esfera da vigência de leis e de códigos; se à ordem das espécies, significamos a sua distribuição em classes e o respectivo processo evolutivo, etc.

O elemento comum a todas as aceções que a utilização do termo ordem pode tomar é a existência de uma relação inteligível que caracteriza o território onde vigora o *logos*. A inteligibilidade tornada possível pela verificação de que existem no real relações de ordem, que permitem ler o mundo como conjunto organizado e mesmo harmonioso, contrapõe-se à situação confusa, obscura, caótica, inteligível, característica do mundo mergulhado na desordem.

## **2. Hesíodo e os Pré-socráticos**

É através da experiência de oposição e confronto entre dois mundos, o mundo da ordem e o mundo da desordem, que se descobre e afirma a inteligência grega enquanto pelo pensamento, pela religião, pela moral, pela política, pelas artes e pela história constrói o universo da cultura como conquista permanente da ordem e da inteligibilidade sobre o caos. Expressam-se nesse registo algumas testemunhas mais antigas da elaboração cultural helénica, como Hesíodo e os pré-socráticos.

Hesíodo fala da anterioridade do caos em relação a todas as demais coisas, sem no entanto apresentar o caos como vindo do nada, mas antes como tendo sido também ele gerado. No princípio do mundo visível está o céu e a terra. Antes deles existe o caos, a partir do qual são gerados o céu e a terra. O profundo e vasto abismo, o imenso espaço vazio, donde emergiram o céu e a terra e que continua a separá-los, traduz

a realidade do caos. Deve, porém, notar-se que esta noção de caos não se aplica ao estado de confusão e de amontoado de coisas indiferenciadas que só mais tarde aparecerá na vulgarizada antítese do caos a que se opõe o cosmos, ordenado e harmonioso. Embora a *Teogonia* de Hesíodo se apresente como uma genealogia centrada no aparecimento e actuação dos deuses, diz respeito igualmente à vida moral dos humanos e nunca perde de vista a ordem natural do mundo, constituindo-se como uma importante cosmogonia<sup>1</sup> em que se narra a gênese da diferenciação das partes do universo.

Com os pré-socráticos, trata-se de referir a pluralidade de elementos e de seres que compõem a natureza a um princípio unificador que dê conta do que se apresenta como diverso e múltiplo, tornando inteligível e ordenado o que nos aparece sob o signo da dispersão, do fragmentário e do caótico. O indeterminado de Anaximandro, o fluir universal de Heraclito e o ser com a sua esfera imóvel de Parménides são algumas dessas tentativas racionais destinadas a estabelecer a ordem na maneira de ler e compreender a natureza formada por coisas dispersas e sujeitas a todo o tipo de variações e de mudanças. Parménides agudiza o conflito entre a experiência do mundo, vário e múltiplo, e a razão como potência capaz de conhecer o que é, mas não o que se transforma e muda. Coloca-se declaradamente do lado da ordem de um mundo fixo, uniforme e permanente, onde só o discurso tautológico pode imperar. O ser é o que é, sem que o não-ser o possa perturbar. Tudo quanto se opõe ao ser tem o estatuto de simples aparência. Das aparências ocupa-se a *doxa*, isto é, a diversidade imensa das opiniões.

Pelo contrário, em Heraclito há um sentimento particularmente agudo da força das oposições geradoras de conflito. O fogo, por vezes chamado *logos*, é a chave da harmonia profunda, invisível, que está subjacente ao movimento e ao conflito que, intensamente difundido na natureza e na sociedade, é responsável pelo devir universal. Para além da contínua mudança das coisas e da alternância dos contrários, existe uma unidade invisível que se exprime através do *logos* e faz deste o garante da ordem que encontramos no mundo.

<sup>1</sup> Ver W. Jaeger, *A la Naisance de la Théologie. Essai sur les Présocratiques* [Trad. de *Die Theologie der frühen griechischen Denker*. Stuttgart, Kohlhammer Vg., 1953], Paris, Éd. du Cerf, 1966, pp. 20-21 [passim].

De entre as questões maiores a que o espírito helénico tenta dar resposta, contam-se a do ser e do devir, a do uno e do múltiplo, e a da extensão do *logos* na sua procura de explicação para as manifestações do mundo físico e para as do mundo dos homens.

Leucipo e Demócrito atacavam o problema do devir recorrendo a explicações baseadas na teoria das causas, de tal modo que tudo quanto vai aparecendo na natureza deve ser atribuído à existência de causas geométricas e de causas mecânicas. A variedade imensa de coisas e de acontecimentos obedece a regularidades em que se verifica o carácter racional do mundo, no qual tudo acontece de modo necessário, fatal, e se explica por figura e movimento. Na origem da diversidade que vemos nos seres da natureza estão partículas muito pequenas e indivisíveis – os átomos –, e o imenso espaço vazio. As partículas qualitativamente homogêneas distinguem-se umas das outras pela dimensão, forma geométrica e pelo modo como se agrupam. Os átomos são portadores de movimento que se pode exercer em diferentes direcções, dado o enorme vazio existente.

A esta concepção atomista da constituição geométrica e mecânica da organização do mundo, chamaram Leucipo e Demócrito a «grande ordem do mundo» (*Mégas diákosmos*). Nesta filosofia, a alma humana é, como todos os outros seres, um agregado de átomos, mas singularmente móveis e subtis. Os seus impulsos autónomos dotam-na de capacidades especiais que lhe permitem pensar e agir. Desta especificidade do homem tratava Demócrito na «pequena ordem do mundo» (*Mikrós diákosmos*).

Anaxágoras foi o primeiro entre os gregos a perceber que a ordem nas coisas da natureza não pode resultar do simples jogo de causas mecânicas nem de princípios ou agentes que têm a mesma natureza das coisas que devem organizar e lhes são imanentes. Descobriu que o princípio da ordem universal tem de ser procurado numa entidade inteligente e separada dos seres naturais porque só desse modo será possível dar sentido e introduzir ordem no caos. A esse princípio chamou *nous*, inteligência, e atribuiu-lhe uma função combinatória que

consiste em realizar compostos com os elementos simples da natureza, assim explicando o carácter efectivo das mudanças e garantindo que elas ocorram de maneira ordenada. A vitória sobre a confusão e o caos e o aparecimento do cosmos resultam da intervenção do *nous*, isto é, da inteligência ordenadora.

### 3. Platão e Aristóteles

É nesta mesma linha de intervenção produtora de ordem e beleza que, segundo o *Timeu*, actua o Demiurgo. Platão faz a ordem surgir da acção que o Demiurgo exerce sobre uma realidade pré-existente que se apresenta como rebelde, sujeita a movimentos de causalidade errática, irregular e de acaso. Faz aparecer novas formas e novas combinações no seio do amontoado de elementos anteriores, copiando-as de um modelo superior e eterno. O aparecimento do cosmos deve-se ao compromisso entre a necessidade primitiva do mundo pré-existente e a inteligência do Demiurgo<sup>2</sup>. A harmonia e a ordem que prevalecem no mundo conferem pleno sentido à designação de «Deus sensível» (*Theós aisthetós*) com que, em *Timeu*, 92c, Platão refere o cosmos, na medida em que este foi formado «à imagem do Deus inteligível» (*eikón tou noetou*).

Em Aristóteles, a ordem é a união das formas e do devir no seio da natureza. Como em Platão, também em Aristóteles há limites e ameaças à ordem. Subsistem o fortuito e a desordem como resíduos num mundo que não é inteiramente racional. Afirmar que existe ordem no mundo não quer dizer que a ordem exista em todas as coisas da mesma maneira<sup>3</sup>. E o pensamento acompanha essas franjas que escapam ao controlo racional, contando dentro de si algo de ininteligível. Por isso, a necessidade lógica coexiste em Aristóteles com a necessidade narrada pelos mitos.

### 4. Conceito medieval de ordem

A ordem é, em Santo Agostinho, um dos atributos do mundo criado por Deus. É a marca deixada pelo Criador que assim torna boa e perfeita a criatura. Revela-se no modo como cada

<sup>2</sup> Ver *Timeu*, 47e-48a.

<sup>3</sup> Distinguindo claramente a ordem própria do mundo celeste e a do mundo sublunar em Aristóteles, Pierre Aubenque comenta deste modo a doutrina aristotélica sobre a ordem: «L'Univers d'Aristote comporte, dans une de ses parties, un ordre qui suppose un Ordonnateur: qu'il y ait quelque part un ordre suffit pour que nous devions admettre un principe de cet ordre. Mais Aristote ne conteste pas le désordre – ce que le texte de la *Métaphysique* appelle 'hasard' – dont le monde sublunaire offre le spectacle. Ce désordre est constaté, il n'est pas encore un objet de scandale: il ne le deviendra que dans une théologie de la Providence, où la coïncidence en Dieu de la bonté et de la toute-puissance interdira de supposer, en lui, ce qui serait méchanceté, impuissance ou tout simplement négligence. Aristote sort à peine d'une vision du monde – celle des poètes et des tragiques – où le monde humain paraissait soumis à un mal irrémédiable». P. Aubenque, *Le problème de l'être chez Aristote Essai sur la problématique aristotélicienne*, Paris, PUF, 1972, pp. 347-348.

um dos seres ocupa o lugar que lhe compete, e faz assim reinar a paz universal que não é senão «a tranquilidade da ordem» (*De Civitate Dei*, XIX, 13). A ordem manifesta igualmente uma relação de dependência hierárquica que subordina a criatura ao Criador. Subverter esta subordinação equivale a provocar o aparecimento da desordem. Por isso, a ordem serve para definir a virtude, de tal modo que seja qual for a natureza desta, ela será sempre uma manifestação da ordem, a ordem do amor, *ordo amoris* (*De Civitate Dei*, XV, 22). Assim se restaura na organização da vida do homem a mais profunda e completa correspondência entre o microcosmos da existência pessoal e social e o macrocosmos tal como foi pensado e querido por Deus ao criá-lo.

Com contribuições várias de outras experiências e contextos culturais, acabará por ser esta concepção de ordem que se vai impor no seio do *pensamento cristão*.

S. Tomás de Aquino retoma a noção enquadrando-a no mesmo horizonte ontológico e teológico de S. Agostinho e sublinha com ênfase a ordem como correlação e coesão dos elementos parciais de cada ser. Define-a como *determinata relatio partium ad invicem*. A ordem dispõe a pluralidade das coisas segundo o antes e o depois em virtude de um princípio. E se a ordem começa por ser o arranjo, o modo como se distribuem as partes que se relacionam entre si, ela é sobretudo o que nessa disposição se adequa ou conforma à ideia que Deus tem dessas coisas e do lugar que elas devem ocupar no mundo.

No pensamento cristão, como acabamos de ver, a ideia de ordem define-se mais por uma relação vertical de correspondência com o desígnio de Deus que presidiu à obra da criação do que propriamente pela relação horizontal de combinação harmoniosa dos elementos entre si. Assim entendidas as coisas, a ordem para os cristãos realizar-se-á tanto mais plenamente quanto mais integralmente inscrever no mundo e na vida dos homens a ordenação divina, isto é, o mandamento e o chamamento à justiça, ao amor, à santidade.

## 5. Conceito moderno de ordem

O conceito moderno de ordem distingue-se do medieval porque atende sobretudo à relação das entidades entre si. Em vez da dependência relativamente ao Ser que a criou ou relativamente ao modelo que deve reproduzir, a ordem define-se em termos relacionais meramente formais. Neste sentido, a noção de ordem sofreu uma desontologização e uma matematização, ao ficar convertida e reduzida a uma disposição geométrica e numérica, cuja expressão sinóptica encontramos no ideal cartesiano da *mathesis universalis*.

É ainda visível em numerosos pensadores modernos a presença de marcas ontológicas no modo como pensam a questão da ordem. Basta lembrar a proposição em que Spinoza identifica a ordem e conexão das ideias com a ordem e conexão das coisas: «*Idem est ordo et connexio idearum ac ordo et connexio rerum*» (*Ética*, II, 7).

Também em Leibniz a ordem cósmica, fonte de optimismo, assenta na ocupação do seu lugar por cada ser, numa concepção superiormente hierarquizada do universo. E se outras espécies de ordem existem, como a ordem matemática, a física, a social, etc., encontram todas o seu fundamento e razão de ser na ordem ontológica.

Merece aqui referência muito especial a concepção pascaliana de ordem na qual, sem prejuízo da importância reconhecida à ordem que o espírito de geometria está em condições de estabelecer, se afirma a plural dimensão ontológica de ordens de realidade. A ela se refere Pascal em vários fragmentos, nomeadamente nos números 298 e 308 dos seus *Pensamentos*. Nesse universo composto por uma multiplicidade de ordens de ser, a própria multiplicidade não só nada tem de caótica ou de difusa como se distribui de modo bem hierarquizado por três planos essencialmente distintos: a ordem dos corpos, a dos espíritos e a da caridade. E é tão profunda a diferença de natureza de cada uma que as três permanecem separadas por um abismo absolutamente intransponível.

O passo decisivo na introdução e sistematização epistemológica do conceito moderno de ordem deve-se a Kant, para quem a ordem não está nas coisas, mas é a estas imposta graças às formas *a priori* do entendimento e aos princípios da razão. Em Kant, o princípio de ordem é o princípio supremo do entendimento puro, de tal modo que, em qualquer experiência possível, todos os objectos se submetem às condições necessárias da unidade sintética da intuição humana. Assim integrada na revolução copernicana a que a doutrina do conhecimento foi submetida por Kant, a ordem deixa de ser uma *ordo essendi* de horizonte realista e afirma-se como *ordo cognoscendi* de natureza idealista e formal. Passamos assim da tradicional ideia de ordem à de regularidade e uniformidade da Natureza, horizonte de inteligibilidade em que se move o moderno espírito científico.

O progresso vertiginoso das ciências físicas e biológicas e o aprofundamento da investigação matemática têm revelado que a ordem vista como organização e funcionamento de sistemas dotados de grande regularidade e uniformidade fica muito aquém das inesgotáveis complexidades do universo. Daí as muitas questões com que se defronta a teoria determinista na explicação da natureza, nomeadamente em matéria de predizibilidade, por se ter tornado bem claro que «o fundamental do determinismo é a ordem mais do que a predizibilidade, quando se julgava que elas caminhavam juntas»<sup>4</sup>. Vai-se assim até ao ponto de falar de «ordem no caos», pretendendo-se significar com essa expressão que o caos não é a desordem, mas antes uma ordem sem periodicidade<sup>5</sup>.

Percebe-se, por isso, que os formalismos e a expansão abstractizante das derivas científicas da noção moderna de ordem tenham suscitado o aparecimento de vozes críticas, apelando para outros modos de olhar a ordem e desordem do mundo. Bergson<sup>6</sup>, por exemplo, procura contrapor à ordem formal das ciências um genuíno pensamento criador através do qual se exprima o *élan vital* do universo. Recusa, por outro lado, a sistemática redução da ordem vital ao modelo inerte dos mecanismos do mundo físico.

<sup>4</sup> Jean Largeault, *Systèmes de la Nature*, Préface de René Thom, Paris, Vrin, 1985, p. 85.

<sup>5</sup> Jean Largeault, *op. cit.*, p. 103 [*passim*].

<sup>6</sup> Ver o capítulo III de «L'Évolution Créatrice», in Henri Bergson, *Oeuvres*, Paris, PUF, 1970, pp. 653-725.

Na crítica bergsoniana e na sua proposta de uma ordem que seja «o espírito a descobrir-se nas coisas» ecoam novamente velhas reminiscências vindas das culturas grega e cristã.

## 6. Uma grande demarcação

Resulta da sumária apresentação, aqui esboçada, de diferentes contribuições para a elucidação da ideia de ordem que, entre a cultura grega e o pensamento cristão de um lado, e a formulação conceptual dos tempos modernos por outro, se instaurou uma irrecusável demarcação.

No primeiro caso, a ordem está ínsita nos seres desde que, segundo os gregos, o *nous* ordenador e o Demiurgo modelaram a harmonia e beleza do mundo ou, segundo os cristãos, Deus concluiu a obra da criação e viu que ela era boa. Pelo contrário, no espírito da modernidade a ordem é uma manifestação da capacidade cognitiva do próprio homem que dela usa para eficazmente governar as forças naturais e colocá-las ao seu serviço. Avançando nesta linha de pensamento, podemos até dizer que a grande demarcação assim verificada consiste em atribuir aos primeiros a noção objectiva de ordem e ao pensamento moderno uma noção que se formula a partir do sujeito que conhece e a que mais apropriadamente chamaríamos ordenação. E assim mais do que o mero reconhecimento do *ordo rerum*, estaremos em presença de uma *ordinatio*, uma actividade operatória em que a relação do homem com o mundo se desenvolve através da construção gradual, fascinante, árdua mas fecunda, do conhecimento ordenado da Natureza.